

CRASE

#13

Agosto - 2011

Ano 2 - 13ª Edição - Agosto - 2011

1 ANO

Nos Labirintos da Igualdade

As diferenças matam?

Um Caderno e Um Violão

*Cícero Lins e sua música
de apartamento*

**O Campeão do
Anti-Americanismo**

*Desenhos com o poder de
mover governos*

1 ANO 

PARABÉNS CRASEANOS!

REVISTA
CRASE

Um ano fazendo a diferença.

índice

p. 08 **Editorial**

p. 10 **Construção de Brasília**

O que a memória trabalha para ser história.

p. 16 **Encontro de gerações em gênero, número e teatro**

Monólogo “Salto em Fúria” estreia no Rio sob direção de Marcus Alvisi.

p. 22 **O Fantástico Mundo dos Blogs**
Será que é tão maravilhoso assim?

p. 26 **O Campeão do Anti-Americanismo**

O ativismo político do cartunista Carlos Latuff.

p. 34 **Um Caderno e Um Violão**

Cícero nos mostra que isso é tudo o que é preciso para se fazer boa música.

p. 42 **Nos labirintos da igualdade**

Os caminhos tortuosos da igualdade.

p. 46

CRASE

CONVIDA

Luis Paz

O jornalista fala sobre a cultura do “empreendedorismo político”.

REVISTA CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza
Diretor de Redação: Rafael Farah
Diretor Executivo: Diego Senra Dansiger

REVISTA CRASE

Redatores: Bruno Buhr, Cadu Senra,
Clarissa Affonseca, Leandro Bertholini,
Tiago Garcia, Vinícius Baião
Produção: Hélio Lobato, Yves Araujo

ARTE

Diretor de Arte e Diagramação: Nicolas Dani
Assistente: Clarissa Affonseca

FOTOGRAFIA

Editor-Responsável: Diego Val

INTERNET


Desenvolvedor: Dans Souza



Editorial

Neste mês, a Revista Crase comemora um ano. Um ano de paixão pelas artes, um ano influenciando pessoas com artigos e matérias claras, inteligentes e transparentes. Um ano de amor pela informação e o pensamento independente. Não costumo ser hiperbólico, mas desta vez farei uma exceção, pois ouvi recentemente o resumo da Crase de acordo com um leitor: “a Crase é um suspiro de inteligência, uma tábua de salvação. Uma tentativa de desemburrecimento”. Uma afirmação um tanto grandiosa, talvez até egocêntrica, tivesse ela sido feita por mim, mas me mostrou que o mais básico dos nossos objetivos vem sendo alcançado com cada edição.

Nós, integrantes da revista, sempre defendemos uma filosofia de questionamentos, seja em nossas vidas pessoais ou profissionais. Procuramos reacender as

The image features a vibrant, abstract background with a mix of colors including red, orange, yellow, green, and blue, creating a textured, painterly effect. A large, white, irregularly shaped area is centered on the page, serving as a background for the text.

chamas da intelectualidade e do inconformismo que marcaram na história personalidades como Galileu e Aristóteles, Mandela, George Carlin e muitos outros. Pensar ao contrário da norma, fazer a diferença, essa é a nossa prerrogativa - e também, assim espero, a de vocês.

Com isso – e muito orgulho - me despeço de vocês, queridos leitores e, agradeço, em nome de toda a redação, por este ano maravilhoso que tivemos. Até o próximo mês, semana ou dia, e um brinde ao sucesso dos outros, porque o nosso está garantido.

Rafael Farah



Construção de Brasília

A criação da capital transformada em livro.

por Vinicius Baião

VPublicado no ano de 2006, pela Companhia das Letras (Companhia das Letrinhas), “Flor do Cerrado: Brasília”, de Ana Miranda, pertence à coleção “Memória e História”, destinada a revelar para o público infanto-juvenil importantes momentos

da história do Brasil e do mundo, através de ficções ambientadas em diferentes contextos históricos.

Resumidamente, o livro de Ana Miranda narra a construção da nova capital a partir das lembranças da autora, que acompanhou de perto

todo o processo de construção da cidade, uma vez que seu pai trabalhou como engenheiro nessas obras. A escritora relata ainda a história de sua família e recupera as controvérsias que cercaram a mudança da capital desde a época colonial até a escolha do lugar definitivo.

Pelo título da coleção já fica evidente seu objetivo: resgatar a memória a fim de perpetuá-la na história. Porém, ao considerarmos que o registro histórico é sempre parcial, fica a dúvida sobre que história se pretende definitiva. Uma vez que o livro se apresenta aos pequenos como relato testemunhal

e, portanto, verdadeiro de momento tão importante da história recente brasileira, é preciso cuidado ao abordar os fatos.

“...Todos os aspectos que compuseram aquele empreendimento...”

“Flor do Cerrado: Brasília” coloca-se em posição altamente parcial. Ao ser narrada a partir do que viu uma menina de oito anos de idade, filha de um dos principais engenheiros da construção, sua percepção é superficial, lúdica e não isenta. A menina que lá esteve participou apenas

dos bons momentos da construção, afinal, por ser filha de engenheiro, estava sempre em meio à elite local, não presenciando, portanto, todos os aspectos que compuseram aquele empreendimento. Assim, o projeto de construção da nova capital é tido somente como grandioso e essencial ao desenvolvimento do país,



Ana Miranda
ainda criança

não deixando margens a demais questionamentos.

Como prólogo, a autora destaca a profecia do padre, e depois santo, o italiano Dom Bosco, que, em 1883, teria profetizado a construção da “terra prometida, de uma riqueza que nem se podia imaginar”, “entre os paralelos de 15° e 20°”. Por se localizar em uma região próxima à descrita por Dom Bosco, Brasília passou a ser a concretização do sonho. Após narrar a profecia, Miranda afirma que “muitos anos depois, nesse lugar surgiu a nova capital do Brasil: Brasília”. Esta passagem já anuncia o que vem no decorrer do relato: elogios à ousadia do presidente JK,



Ana Miranda

que superando todas as críticas, deu vida à capital prometida.

Assim, temos um relato que trata Brasília como a terra prometida, profetizada por um santo e construída por um herói. As justificativas para a obra se misturam entre o desejo do presidente em desenvolver o interior do país e o cumprimento da constituição, que desde 1891, já previa um dispo-

sitivo para a mudança da Capital Federal do Rio de Janeiro para o interior do país. A real necessidade de manter o poder central distante de grandes centros urbanos, afastando-o das pressões populares não é sequer mencionada. A autora, portanto, corrobora com sua obra, mais uma vez, o discurso oficial que há tanto vem sendo combatido pelos historiadores. E o pior, o faz de maneira sutil, numa



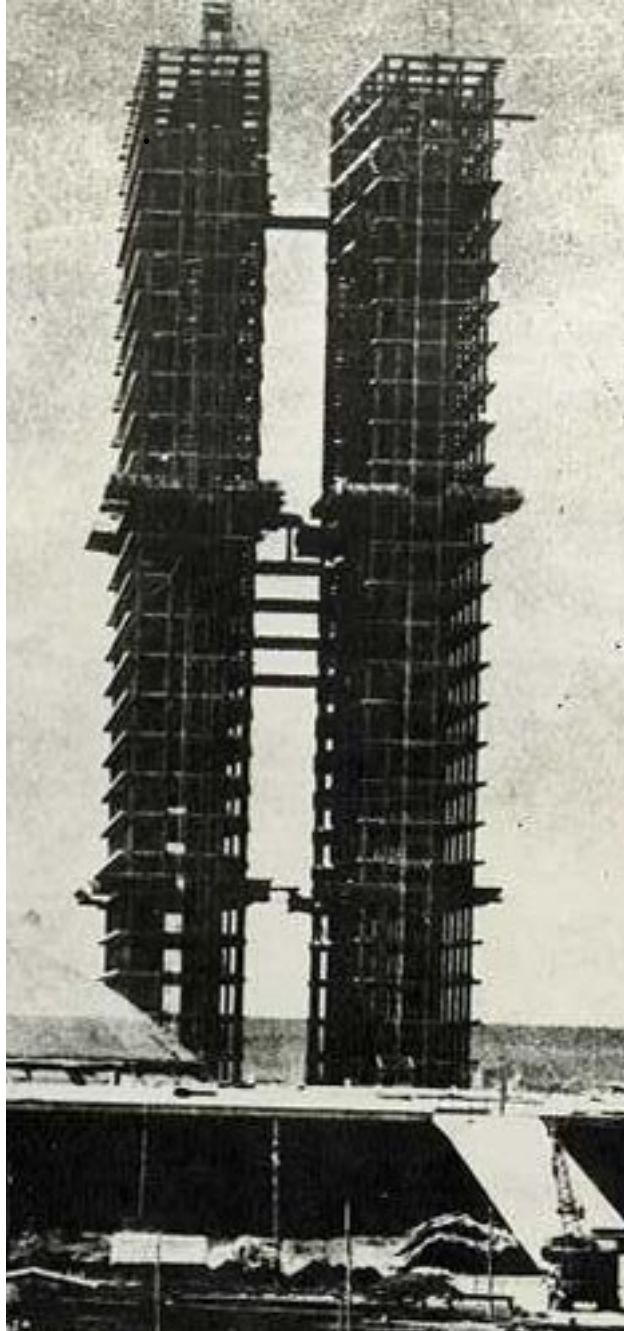
Candangos

escrita comovida por suas lembranças, que acabam a encantar os mais novos.

Outro fato é a situação dos “candangos”, os operários que trabalhavam na obra, quase todos formados por retirantes nordestinos. Apesar de haver um capítulo chamado “Candangos e retirantes”, nada de relevante é comentado. Nele, há apenas a descri-

ção de como chegavam e de como se instalavam na futura cidade, e a descrença na realização da obra por parte dos jornalistas, políticos e demais autoridades ao avistarem os tantos barracos espalhados pela área (onde viviam os candangos). A situação de completo abandono social e as tantas mortes ocorridas durante a construção não são relatadas.

Enfim, “Flor do Cerrado: Brasília” é uma obra que trabalha para ratificar o discurso oficial a respeito deste importante momento da história brasileira. Através do relato testemunhal de um sujeito apoiado plenamente nas estruturas do poder - haja a vista a posição que a menina e seu pai ocupavam - fortalecido por fotos e documentos da época cria-se, para o público alvo, um efeito de sentido que beira o ilusório e age na manutenção da memória discursiva vigente, com intuito claro de desestabilizar (ou mesmo suprimir) as demais possibilidades de sentidos que, através de lutas, começam a ganhar espaço. ■



Congresso Nacional
em Construção

A photograph of a man and a woman standing on either side of a large, dark wooden A-frame structure. The man, on the left, is bald, wearing glasses, a dark jacket, and light-colored trousers. The woman, on the right, has long dark hair and is wearing a black sleeveless dress. They are both smiling and holding the wooden beams. The background is solid black, and the floor appears to be wooden planks.

Encontro de gerações em gênero, número e teatro

Monólogo “Salto em Fúria” estreia no Rio sob direção de Marcus Alvisi.

por Leandro Bertholini

Um encontro de gerações marca a estreia do espetáculo “Salto em Fúria”, comédia dirigida por Marcus Alvisi e encenada pela atriz Helen Suque, atualmente em cartaz no Teatro Candido Mendes, em Ipanema na Zona Sul do Rio. A dobradinha nos palcos se deu a partir de um projeto paralelo e se tornou real graças ao texto de Raphael Miguel e da própria atriz que resolveram juntos contar a história de Bruna, uma mulher de 30 anos, que termina o noivado com Marcelo, seu noivo, após a descoberta de uma traição.

Incapaz de superar o rompimento e lidar com as emoções ineren-

tes ao acontecimento, a personagem começa uma busca alucinada por vingança na esperança de diminuir sua dor. A partir daí, Bruna faz de tudo para se ver livre dos sentimentos do passado e com um final surpreendente “dar a volta por cima de salto novo”, palavras da própria personagem.

“...Fala dessa dependência emocional...”

Assim como Bruna, muitos homens e mulheres vivem obcecados por seus parceiros ou pela relação, incapazes de perceberem que estão se destruindo



Bruna

Interpretada por
Hellen Suque

lentamente. A peça fala dessa dependência emocional de forma agradável e cômica. “Acredito que o texto crie identificação com as mulheres que já amaram e com todos os homens que já traíram” diz Hellen Suque, atriz da montagem.

A direção do monólogo é de Marcus Alvisi,

Prêmios Shell, Mambembe e Sharp pela direção dos espetáculos “Solidão a Comédia” e “Diário de Um Louco”, ambos com o ator Diogo Vilela no elenco. Atualmente o diretor vive personagens emblemáticos dos contos de João do Rio no monólogo “Dentro da Noite”, sob direção de Ney Matogrosso, em cartaz em São Paulo.

“Salto em Fúria” concentra a ação na trajetória dessa mulher em busca de reverter a humilhação que sofre com base na velha máxima “tudo passa”. “Para o sentimento e o afeto não existem contratos, tudo é imprevisível” ressalta Alvisi.

Para Raphael Miguel, co-autor do espetáculo “Salto em Fúria”, é uma grande homenagem às mulheres, universo mais do que explorado em seus textos. Quem não lembra da famosa gordinha vivida pelo autor em 2009 e ainda das suas “Mulheres da Rua 23”, espetáculo que vem desde 2008 arrebatando prêmios nos principais festivais de teatro do país.

“...Uma caricatura do comportamento cotidiano.”

“Esse trabalho é um verdadeiro mergulho no universo feminino contemporâneo e traz à tona a fragilidade e a insanidade de Bruna de forma exagerada e cômica” conclui Miguel.

A dobradinha de Alvisi e Suque traz à tona um encontro de gerações no palco, já que o diretor da montagem é um dos precursores do gênero besteirol surgido no Rio, no final da década de 70, pelo precioso texto do saudoso Mauro Rasi

“As 1001 Encarnações de Pompeu Loredó”. Na ocasião, a comédia trazia importantes nomes que anos mais tarde se tornariam muito conhecidos no teatro e na TV brasileira: Jorge Fernando, Duse Nacarati, Diogo Vilela, Ricardo Blat, Stella Miranda, entre outros.

O Gênero marca o humor anárquico e o rompimento com o engajamento e a cultura erudita. Desprovido de preconceitos, o Besteiro! incorporou diversas referências da cultura brasileira para montar uma caricatura do comportamento cotidiano. ■



Gerações

Suque e Alvisi

Uma comédia com:
Hellen Suque

TEATRO
CANDIDO
MENDES



SALTO EM FÚRIA

terças e
quartas
às 21h

direção: Marcus Alvisi
texto: Hellen Suque
Raphael Miguel

14

Não recomendado para
menores de 14 anos



○ Fantástico

Mundo dos Blogs

A realidade da vida dos blogueiros.

por Clarissa Affonseca

Pra todos os apaixonados por moda, a geração que estamos vivendo não poderia ser melhor para gerar esse tipo de informação. Além de todas as revistas espe-

cializadas que já existem, algumas delas agora sendo publicadas online, os programas de TV que abrangem esse tema vêm crescendo significativamente. Mas ainda assim,

nada se compara à explosão no número de blogs relacionados à moda.

No Brasil, esse crescimento está intimamente ligado ao estilo de vida das pessoas, principalmente dos jovens, que passam a maior parte de seus dias na internet buscando informações específicas de seu interesse como forma de entretenimento. Esse contato tão fácil e diário permite que os blogueiros de moda encontrem nesses indivíduos, espectadores fiéis e interessados – quase amigos virtuais - em seus mundinhos fashionistas.

Todo o conteúdo de moda usado nesses

blogs é, na maioria das vezes, intrínseco ao cotidiano do blogueiro e isso causa um interesse não só pelo tema, mas pela curiosidade de saber como tal pessoa vive sua vida. Afinal, já é comprovado, depois de inúmeros reality shows bem-sucedidos, que o brasileiro adora gastar seu tempo espiando a vida alheia.

“...Começa a se tornar um trabalho exaustivo e diário...”

Porém, como algumas pessoas já devem ter percebido, não é tão fácil

assim manter um blog de sucesso. Isso porque quando a demanda por informação é crescente, o hobby de escrever sobre moda começa a se tornar um trabalho exaustivo e diário e, isso requer uma dedicação que para muitos só acontece se existir algum retorno, financeiro especificamente, e é exatamente a isso que as grandes empresas de cosméticos e produtos de beleza estão atentas. Elas promovem parcerias de publicidade com blogueiras de sucesso e alcançam seu público-alvo com maior intensidade e gastando menos.

À primeira vista pode ser a solução perfeita,



mas e os leitores? Como entender que, em um mesmo dia ou semana, várias blogueiras disseram que adoram aquela mesma máscara de cílios? O conteúdo vendido pode causar distanciamento dos visitantes e isso é uma das dificuldades que quem vive de blog tem de pensar ao fazer esse tipo de acordo.

É claro que pra quem realmente quer ter seu blog como trabalho, estratégias são fundamentais para se obter um reconhecimento de público e financeiro, até

porque a exposição pessoal e diária na mídia pode trazer muitos benefícios, mas também pode ser muito cruel. No final das contas qualquer trabalho dá trabalho. ■



PORQUE TODO MUNDO GOSTA DE ESTAR NA MODA.

f★hits

A PRIMEIRA PRIME NETWORK DE BLOGS DE MODA DO BRASIL.

A primeira prime network de
blogs de moda do Brasil



Vai Encorar?

O Campeão do Anti-Americanismo

Carlos Latuff fala sobre seu trabalho e o desgosto pelo Tio Sam,

por Rafael Farah

Não é de hoje que os EUA adotam a atitude do “morde e assopra”, dando com uma mão e, tomando com a outra. No entanto, a discrepância entre as doações e suas tentativas - sutis ou à força - de dominação mundial, é muito grande. Dizer que o país é uma potência mal-intencionada já é de praxe, qualquer um com o mínimo

de curiosidade e cultura deveria ter as ferramentas para enxergar através da cada vez mais transparente cortina de fumaça promovida pelo governo americano. Uma boa parte da população brasileira entende os riscos envolvidos enquanto tivermos o Tio Sam no poder, mas são poucos os que mantêm uma chama tão intensa no peito, que até

a menção do nome do país faz seus rostos se contorcem, como é o caso do cartunista Carlos Latuff. Em entrevista para a Revista Crase, Carlos não apenas respondeu perguntas, mas também deu aulas de história, política e antropologia.

“...Desde criança, já sabia o que queria...”

Latuff nasceu em 1968, no Rio, no auge do movimento da contracultura no mundo, apenas um ano antes do gran-

dioso Woodstock, marco cultural da época. Desde criança já sabia o que queria, enquanto traçava desenhos no jardim de infância e, com esse pensamento em mente, cresceu dando vida a momentos e ideias. Com a exceção de um curso no Parque Lage, o cartunista não possui formação em nível superior, acredita que “diplomas são apenas pedaços de papel” e que “os cursos de Belas Artes, que eram para serem sinônimos de excelência artística, hoje em dia são muito fracos”. Mesmo tendo desenhado a vida inteira, foi há apenas uma década atrás que o desenhista descobriu sua



Liberdade na Palestina

paixão pelo ativismo político, enquanto trabalhava para a imprensa sindical. De acordo com ele, “no início, fazia apenas por obrigação profissional, mas com o passar do tempo, fui pegando gosto”.

Intenso e irreverente, Carlos deixa bem claro o seu desgosto pela maior potência mundial e conta sobre as dezes-

nas de manifestações as quais fez questão de participar em frente ao consulado americano, no centro do Rio de Janeiro. Em suas palavras, o prédio é um “saco de pancadas” para ativistas políticos. Já foram arremessados desde espigas de milho até coquetéis molotov (bombas caseiras) de encontro às suas janelas espelhadas. Sua



intensidade, entretanto, não se limita apenas ao ativismo político; também está sempre presente em seus discursos, sejam eles sobre relacionamentos, religião ou a padaria da esquina. Figura rara, ele defende seus conceitos – por mais atípicos que

pareçam para a sociedade “moderna” - com unhas e dentes, e com uma consciência - raramente vista em artistas - de seus próprios defeitos, admite que gostaria de ser um pouco mais maleável. Latuff é um gigante na luta contra o capitalismo e diz que

“um sistema que te faz depender de dinheiro, não está certo. Um sistema que faça você valer o quanto consome, é um sistema falho”. A China, no entanto, criou um sistema novo; o “socialismo de mercado”, considerado pelo ativista uma aberração, ele argumenta criando uma analogia: “socialismo de mercado é como estupro com amor, é inconcebível”.

Quando perguntado sobre os recentes movimentos democráticos no oriente médio – dos quais participa ativamente –, o artista diz que o que aconteceu (e ainda acontece) foi uma reação em cadeia, que em momento algum, pode ser

“... Queriam apenas o básico, como liberdade de expressão...”

chamada de revolução. “O sistema não mudou, os líderes podem ter sido removidos de seus cargos, mas os sistemas continuam os mesmos. Agora, ao invés de ditadores, eles são liderados por juntas militares”. Carlos continua, dizendo que “nestes movimentos, os cidadãos queriam apenas o básico, como liberdade de expressão e eleições diretas”, muito parecido com o Brasil, na década de 80. Com o advento da internet, egípcios, sírios,

libaneses e muitos outros, puderam comparar suas vidas às de outras pessoas ao redor do mundo, o que os levou a questionar a maneira como viviam, resultando nas reivindicações, seguidas de guerras civis.

Sua intensidade, apesar de grande, é ofuscada pelo seu altruísmo. Latuff comenta que em inúmeros casos, como na Palestina, não cobra por seus desenhos nem por entrevistas – que ele

dá constantemente – e recusa os muitos convites para se formalizar na política, além de dar total autonomia sobre suas obras: “eles não precisam nem da minha autorização para utilizá-los, eu fiz o desenho, mas o cartun é deles”. Independente de certo ou errado, o cartunista é um exemplo de cidadania brasileira e mundial que deveria ser seguido, talvez não tão extremo, mas definitivamente com a mesma consciência política e social. ■





fotos: Willer José

Um Caderno e Um Violão

Artista independente e DJ, Cícero lança seu cd de estréia e bate papo com a CRASE.

por Cadu Senra

Que tal este espaço; um apartamento em uma rua tradicional do bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, onde todos os cômodos respiram música e arte. Seja bem-vindo, este é

o lugar onde Cícero, um dos novos talentos da música brasileira, reside e compõe. Seu cd de estréia, “Canções de apartamento”, traz um amadurecimento pouco comum para jovens de 25 anos,

com letras inteligentes e sonoridade que vai da suavidade a empolgação, como na faixa “Tempo de Pipa”, que já tem até clipe.

Segundo o próprio artista, o cd foi feito na época em que se mudou da casa de seus pais para seu novo endereço. Com seu violão e seu caderno, Cícero sentiu cada nova experiência e as colocou em versos e melodias, dando corpo a um álbum muito pessoal, que apesar de recente, vem dando o que falar. É como se o músico abrisse as portas de seu apartamento e nos deixasse espiar. O encontro de violão, baixo, piano, voz, e por vezes, até um imponente acordeom, é capaz de pintar

para ouvinte gravuras mentais com as histórias contadas pelo compositor.

Com exceção do Acordeom, executado magistralmente por Bruno Schulz, todos os instrumentos presentes no disco foram gravados pelo próprio Cícero, que além de poeta e multi-instrumentista, também esconde outras facetas. Desde 2008 ele toca e produz, ao lado de seu sócio Jorge Júnior, em festas bem difundidas no meio alternativo. A “Yellow Submarine”; a “Benflo-gin”; e a “Mambembe” – festas produzidas por Cícero -, acontecem mensalmente na zona sul, na Pista 3 em Botafogo e na Casa Rosa em Laranjeiras.



A Revista Crase foi gentilmente convidada para o já famoso apartamento para bater um papo com o simpático compositor:

Revista Crase: Como começou a sua história com a música e que artistas influenciaram seu trabalho?

Cícero: As influências vão de Tom Jobim aos Pixies, e já me perdi!(rs) Não sei bem porque me interessei por música, só me lembro de já me relacionar muito intimamente com ela desde sempre. Acho que meu início foi vendo Anos Rebeldes; Assistindo ao meu pai tocar “Tigresa”, do Caetano, e achando lindo; Ou indo pra Praia Grande no colo da minha mãe, ouvindo uma fita dos Beatles no fusca branco do meu pai. Todas as minhas lembranças de vida têm música.

De onde surgiu a ideia para o nome do novo álbum “Canções de Apartamento”?

Bom, eu gravei o disco todo no meu apartamento, e as músicas falavam de coisas que aconteceram nessa fase em que me mudei. Estavam todas com esse tom, com essa “coisa” desse ponto de vista. Daí o nome acabou saindo.

Você já tem datas marcadas para a divulgação do Álbum?

Eu quero muito fazer alguns shows pra divulgar. Ainda não tenho nada marcado. Sendo independente é tudo muito difícil.

Além de músico você também é DJ. Mas qual das facetas surgiu primeiro?

O músico. Comecei a fazer festas apenas no final de 2008. O primeiro disco que gravei, com minha antiga banda (Alice), é de 2004. Conheci o Jorge Junior (meu amigo e sócio nas festas) por causa da dele. Ele gostava da banda e acompanhava. Ficamos amigos e hoje fazemos festas juntos.

O DJ que não toca instrumento algum é considerado músico?

Tecnicamente, músico é quem estuda música. Mas não concordo muito com isso. Acho que músico, poeta, escritor, pintor... São estados de espírito. É enxergar a vida por um determinado prisma. Ser DJ ou não, tocar um instrumento ou não, e até estudar música ou não, pra mim, não diz muito. O cara pode ser um músico incrível sem tocar nada, apenas sabendo sentir a música. Já outro pode executar um instrumento perfeitamente sem nenhuma emoção, apenas técnica. Quem tem mais chances de fazer uma música que toque alguém?

O que há de artístico em sua vida?

Eu faço de tudo um pouco, quase como terapia. Colo coisas nas paredes, recorto, rabisco, pinto, mancho... Tudo para tirar algo da minha cabeça que talvez venha a me danificar se ficar lá dentro. Mas meu xodó é escrever poemas. Pretendo lançar um livro de poemas em breve...

O que você acha do atual cenário musical brasileiro? Existe algum talento que admira?

Da grande mídia, ando um pouco alienado. Não sei quem está “bombando”. Quase não vejo TV ou ouço rádio. No dito “alternativo” tem muita coisa boa, gente fazendo uma carreira sem vaidade, compondo a música em que acredita. Admiro todo mundo que faz música sem comprar o sonho furado de “fama e fortuna”.

O mercado musical atravessa muitas dificuldades em relação às fracas vendas de mídias, como o CD e o DVD. Como isso prejudica um artista que está começando? Você vê saída para as grandes gravadoras?

Não vejo isso prejudicando quem está começando, porque isso já é a realidade pra gente. Não sei o que é uma “grande gravadora”. Toco e gravo há 8 anos e é isso. Não espero nada da indústria. O que vier é legal, mas está bom sem também. Não vejo saída para as grandes gravadoras a não ser fazer o que elas já fazem; industrializar a música pra tentar vender. É isso que aconteceu com o mundo. Tudo foi industrializado, inclusive nós.

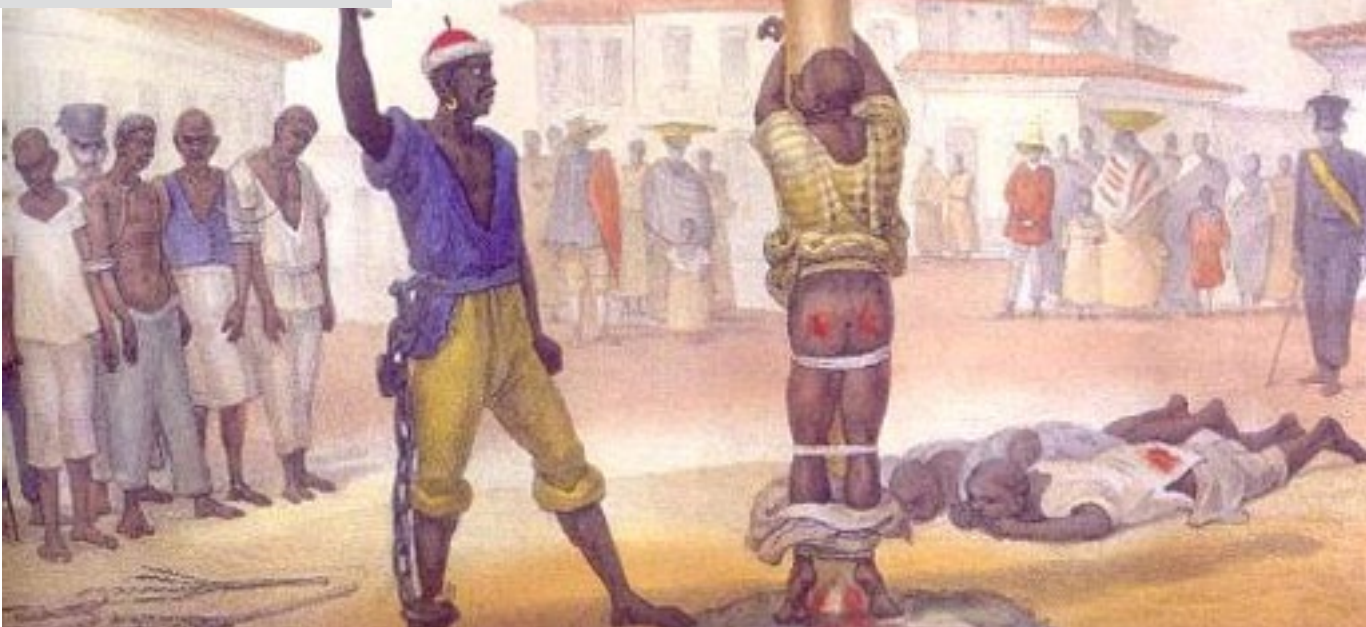


Deixe um recado aos leitores da CRASE:

Queria ver mais pessoas abrindo seus apartamentos, cadernos, diários, corações, pensamentos, sons, medos, sonhos e mostrando-os em forma de arte. Sem compromisso com esses valores caídos de hoje em dia. Sem esse polimento todo. Sem essa coisa toda, sabe? Pegando o que sente e mostrando, só isso. Talvez a gente se sentisse melhor vendo, ouvindo e lendo pessoas de verdade.

Seja diferente.

Seja **CRASE**.



Nos labirintos da igualdade

Os caminhos tortuosos da igualdade.

por Bruno Buhr

Lidar com as diferenças sempre foi uma inabilidade humana. Desde os tempos primórdios exaltamos a divergência como pretexto para segregar, humilhar, escravizar e violentar de diversas maneiras aque-

les que não se encaixam nos - quase sempre - claustrofóbicos padrões estabelecidos pela sociedade.

A nossa incompetência em processar a diferença de forma amigável faz germinar um

pensamento niilista de que sofremos uma espécie de boicote genético que faz com que odiemos as incongruências que enxergamos no próximo. Através dos séculos, as mais diversas etnias e culturas foram hostilizadas, dizimadas, e escravizadas. Indígenas, negros, judeus, mulheres e hoje o alvo está atrelado à bandeira homossexual.

Admiramos abismados as atrocidades e os horrores cometidos em nome de uma padronização comportamental que demoniza o diferente. Em virtude disto, mulheres foram carbonizadas nas fogueiras da inquisição, os negros escravizados pelo imperialismo, judeus

massacrados pelos nazistas. O mais impressionante é que cismamos em cometer os mesmos erros, caímos invariavelmente na mesma armadilha do preconceito.

“...Não são as leis que hão mudar corações e mentes envenenadas...”

A história pulsa entre avanços e retrocessos, enquanto a França setecentista tinha as molas da igualdade como força propulsora da revolução, na Uganda de hoje vota-se um projeto de lei que pune com a morte os homossexuais.

Assim como todo processo que envolve mudança nos moldes preconcebidos, a louvável luta pela equiparação dos direitos LGBT exigirá um esforço hercúleo.

O fato é que não são as leis que hão de mudar corações e mentes envenenados pela peçonha da ignorância. Nossa própria constituição traz em seu preâmbulo princípios e garantias com o fito de proteger a dignidade da pessoa humana e o desenvolvimento de uma sociedade fraterna e sem preconceitos; enquanto isso no mundo fora do papel, um pai abraçado ao filho corre o risco de perder um pedaço da orelha.



Leis à parte, parece mesmo que a única lei que tem surtido efeito no avanço das conquistas buscadas pelos homossexuais é a terceira de Newton. Quanto maior o preconceito e segregação, maior a revolta e o desejo de igualdade.

Os crimes de ódio trazem em sua essência a debilidade psicológica

do agressor que enxerga na vítima o reflexo de seus demônios. Ao ferir o outro, este sujeito estaria atingindo suas próprias fraquezas. Concentrar os esforços em prol da educação de base na tentativa de minimizar as ações que tem causado terror aos homossexuais, poderia ser uma saída concreta, que foi bloqueada pelos interesses escusos e pequene-

zas religiosas que habitam nosso congresso.

Assim deve-se acreditar nas virtudes humanas e em soluções efetivas e viáveis para remover os obstáculos que atravancam os caminhos que levam à igualdade ou será que estamos mesmo fadados a perpetuar os atos de violência gerados pela ignorância? ■



Campo de Concentração



foto: Diego Val

Luis Paz é jornalista, radialista e escritor. Extremamente sensível às vilezas humanas. Um fiel da pena e papel, cético dos poderes da espada, Paz nos fala sobre a cultura do “empreendedorismo político”.

Quem nunca escutou em conversa de mesa de bar aquela frase quase sempre proferida em tom jocoso: “Nas próximas eleições vou me candidatar para algum cargo político.”? De fato a despolitização em nosso amado e tão maltratado Brasil atinge níveis preocupantes.

A vida pública tem sido espreitada por olhos ambiciosos, gente de caráter destorcido, que enxerga as inúmeras vantagens destes cargos e a possibilidade de um brusco deslocamento social, como principal atrativo.

Embora isso possa soar como assunto de ontem, vale a pena ressaltar o episódio do ilustríssimo deputado federal Francisco Everardo Oliveira Silva, vulgo Tiririca, que se valia de sua ignorância a respeito das atribuições de um deputado federal para angariar votos. É claro que ele não tinha conhecimento das pertinenças que rondam a rotina do cargo pretendido, mas, por certo tinha a ciência dos benefícios ostensivos aos quais tem direito os membros do congresso nacional.

Além do generoso salário de R\$ 16.500, nossos deputados tem benefícios que se somados beiram os R\$100.000.00, abarcados por auxílios diversos. Sim meus

caros, o congresso nacional, que compreende a câmara dos deputados e senado federal, possui um orçamento de mais de R\$ 6 bi por ano, cada congressista nos custa 10.2 milhões, um número que é 12 vezes maior do que o valor de um mandato de um deputado espanhol, segundo dados da organização Transparência Brasil.

As cifras abissais apresentadas acima nos fazem indagar sobre as funções do congresso. Que trabalho admirável fazem estes cidadãos para justificar um orçamento tão oneroso ao estado?

O congresso, como órgão político constitucional que é, tem como atividade basal a fiscalização de outros órgãos administrativos e ainda elaboração das leis, que são propostas, votadas e aprovadas pelas duas casas (senado e câmara dos deputados) e que regem a nação; as demais atribuições estão elencadas em nossa constituição federal a partir de seu artigo 48.

A elaboração de leis é o meio pelo qual se exerce a representação dos interesses da população brasileira, afim de regular as relações coloquiais de todo tipo, no entanto, nem todos os candidatos eleitos estão habilitados ou possuem essa capacidade representativa, por estarem totalmente alheios à realidade brasileira.

Esse parêntese tem por objetivo trazer à tona as reais motivações que levam um cidadão a se candidatar a um cargo de tamanha relevância. Inúmeros benefícios para uma contrapartida tão minguante.

Claro que não se pode justificar a atual conjuntura política no Brasil apenas pela incompetência de nossos representantes que apenas reflete nossa inaptidão ou falta de compromisso para com o voto.

Com a saúde e educação em frangalhos nossos representantes conseguem enxergar nas futilidades de suas propostas débeis em conteúdo e forma, as urgências de nosso país.

A incessante busca pela locupletação financeira ofusca o fim último da representação política, o de traduzir e pôr a termo os anseios do povo.

Portanto deve-se rever o lugar comum, ultrapassado e bolorento de que a ausência de candidatos que correspondam completamente às nossas expectativas justifica o voto de protesto em candidatos toscos. Não existe melhor protesto que um voto consciente.

Luis Paz

CRASE